HOMENAGEM À SANTA CASA DA MISERICÓRDIA E HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO

25 de novembro de 2025

Exmo. Doutor Altamiro da Costa Pereira, Diretor da FMUP
Exmo. Dr. António Tavares, Provedor da SCM do Porto
Exmo. Dr. Paulo Barbosa, Presidente do Conselho de Administração da ULS Santo António,
Exmo. Doutor Henrique Cyrne de Carvalho, Diretor do ICBAS
Exmo. Doutor Joaquim Torres, Professor Jubilado da FMUP
Exmo. Dr. José Barros, Diretor Clínico da ULS Santo António,

Na pessoa de V. Exas., permitam-me que cumprimente todos os presentes.

O dia 25 de novembro assinala, na história da FMUP, um momento duplamente simbólico: o início e o encerramento de um longo ciclo de cooperação. Foi neste dia, em 1825, que teve lugar a abertura solene da Régia Escola de Cirurgia do Porto, oficializando o ensino regular de cirurgia. A Escola estava instalada no torreão sul-nascente do Hospital da Misericórdia do Porto, o Hospital Real de Santo António, como preconizava o alvará real, com força de lei, de 25 de junho do mesmo ano.

A relação entre a Escola Médica do Porto e a Misericórdia começou com o regulamento privativo de 10 de setembro de 1825, que delegou no Provedor as funções atribuídas ao Enfermeiro-Mor do Hospital de São José, em Lisboa, o que se traduziu num papel ativo nos processos administrativos da Escola, incluindo o despacho das candidaturas ao curso de Cirurgia.

Foi também a Mesa Administrativa que cedeu uma sala acabada de construir, a Sala Maior do Hospital, para a sessão solene de abertura, realizada pelas quatro da tarde de 25 de novembro de 1825, perante um auditório numeroso que reuniu autoridades e figuras de relevo da cidade. E segundo Maximiano Lemos, a sala estava vistosa com uma rica alcatifa e um grande lustre em que ardiam 46 velas de cera, tendo sido alugadas 268 cadeiras. Terminada a função, um tabuleiro de doces e garrafas de vinho branco (meia dúzia) e vinho tinto (uma dúzia) se desarrolhou e esvaziou. Diz Maximiano Lemos que este foi o único ano tranquilo da vida da escola médica e que o seu futuro foi marcado por tempestades.

Poucos dias depois, a 2 de dezembro, iniciaram-se as aulas, com os primeiros 62 alunos e 78 matrículas nos vários anos do curso. Apenas 23 alunos eram do primeiro ano.

Estes números entendem-se, sabendo que havia um ensino de cirurgia, rudimentar, modesto e precário no Hospital da Misericórdia desde 1799 e antes no Hospital de D. Lopo. Uma disposição relativa aos alunos do Hospital da Misericórdia do Porto ditava que seriam levados em conta os anos com aproveitamento e que se podiam matricular em vários anos do curso.

Era evidente o progresso que as escolas representavam com a instituição de cadeiras e de um programa de estudos. Só em 29 de dezembro de 1836, com a transformação em Escola Médico-

-Cirúrgica com a Reforma de Passos Manuel, se deu a equalização dos vencimentos dos lentes de Lisboa e do Porto e do número de cadeiras que até então eram bastante inferiores no Porto relativamente a Lisboa.

Existiram numerosas dificuldades materiais e financeiras e convulsões históricas, ameaças de encerramento, uma guerra civil que paralisou e dividiu a escola, além de períodos de enorme conflito entre a Escola e a Misericórdia. Realça-se que também há momentos de grande cumplicidade entre as duas instituições.

A Régia Escola de Cirurgia do Porto nasceu, segundo Ricardo Jorge, num "espaço acanhado", expressão que traduzia a exiguidade das condições materiais que, desde cedo, marcaram a realidade do ensino médico na cidade. Foi neste contexto que, em fins de 1883, foi inaugurado um novo edifício em frente ao Hospital, por sua vez renovado e ampliado na década de 1930. No Hospital de Santo António continuou a ser efetuado o ensino clínico, de tal maneira que se dizia que as suas enfermarias eram um prolongamento da Escola.

Pelo decreto de 22 de fevereiro de 1911, as escolas médico-cirúrgicas foram elevadas a Faculdades de Medicina. Até 1959, na Faculdade e no Hospital observa-se a modernização da medicina no Porto com a génese de numerosas especialidades médicas e cirúrgicas lideradas pelos seus professores e médicos.

Em abril de 1937, a Misericórdia homenageou a Faculdade, aquando do centenário da Escola Médico-Cirúrgica, com uma placa colocada na porta de acesso da antiga escola, que vimos quando começamos o desfile académico.

Neste mesmo Salão Nobre, em 25 de novembro de 1959, ocorre uma nova homenagem, agora da Faculdade de Medicina, à Misericórdia e aos seus "homens bons" que conjuntamente escreveram, disse Luís de Pina na sua conferência, "uma das mais belas páginas da história do Porto".

Recordemos que mais de três mil médicos foram aqui formados, com uma completa preparação clínica, alguns dos quais foram essenciais para o progresso da medicina deste país.

Nesse mesmo ano, cumpria-se um sonho com numerosas décadas: um hospital pensado de raiz para a Faculdade. O Hospital Escolar de S. João foi oficialmente inaugurado a 24 de junho de 1959, com o papel fulcral do Professor Hernâni Monteiro no seu planeamento e construção. É a nossa quarta casa, onde já vivemos 66 anos de colaboração e crescimento conjunto.

No Bicentenário que agora se comemora, já relembramos e homenageamos em 25 de junho a nossa primeira casa da Medicina, nosso local do ensino clínico durante 134 anos. Fazemo-lo de novo hoje, 25 de novembro de 2025, numa celebração conjunta que reúne a Faculdade, a Misericórdia e o Estado, incluindo o descerramento de uma placa comemorativa no átrio.

Ao longo destes 200 anos, a FMUP soube renovar a sua identidade e manter-se relevante na criação, difusão e aplicação do conhecimento em medicina e na formação científica, técnica e humanista de médicos, permanecendo fiel ao espírito de missão iniciado por D. João VI, que, no respetivo alvará, afirmou ser "um dos objetos mais importantes para a felicidade pública" a "conservação da saúde dos Povos".

José Paulo Andrade, MD, PhD
Coordenador dos Museus da FMUP